

O GIL VICENTE

Director e editor, **Pedro de Freitas.**
 Secr. da Redacção, **M. A. d'Oliveira.**
 (a quem deve ser dirigida toda a correspondência)

Composto e impresso na Typ. Minerva Vimaranesa
 Rua de Santo Antonio, 133 e 135

Semanao Monarchico-Integralista
 (Litterario e Noticioso)
 Orgão e propriedade da J. M. Integralista local
 Redacção e Administração:
 AVENIDA DO COMÉRCIO

VISITAÇÃO
*Pardiez! siete arrepelones
 Me pegaron a la entrada
 Mas yo di una puñada
 A uno de los rascanes
 VAQUEIRO*

FALANDO ALTO

Há muito que nos sabemos caídos no desagrado dos célebres defensores do regime ou, melhor, da gamella, que tanto lhes custa a deixar, mas que um dia virá—mas breve do que se julga—em que terão a suprema desventura de se verem obrigados a abandoná-la para bem dos cofres da Nação e dos seus corpos, que a ociosidade vai tornando inúteis e desmantelados... Porisso é que não ficaram satisfeitos os republicanos desta nossa infeliz terra com a leitura do nosso último artigo onde se verberava, com razão e justiça, o procedimento da Câmara dissidente em dispôr da avultada quantia de **7.850\$00** para a recepção a fazer ao antigo deputado por êste círculo, sr. dr. Lúcio dos Santos.

Que queriam êsses republicanos? Que defendessem o procedimento da Câmara? Que a apoiassem? Dizer que ela procedeu com honestidade e brio, quando toda a gente sabe que foi «A Velha Guarda»—correligionária enraivecida dos mesmos dissidentes—quem levantou primeiro o seu grito de alarme contra a escandalosa verba que a Câmara destinara para a recepção, acusando-a de desonesta e, ainda mais, ameaçando-a de, um dia, prestar contas? A moralidade da Câmara está, pois, em cheque.

Não seremos nós, que temos a consciencia livre e muito alta de mais, que applaudiremos o seu procedimento, aliás seríamos cúmplices na bambuchata de domingo passado, verdadeiro fiasco a desfazer os sonhos duma dissidência com adeptos que a M. Felgueiras, bem mais honesto e possuidor dum espirito melhor esclarecido, não convinha, porque nunca quiz, jamais quiz, sacrificar o seu nome pessoal aos interesses de meia dúzia de criaturas que apenas o rodeavam na mira do emprêgo público, criaturas que mal sabem escrever o seu nome, mas das quais a dissidência lançou mão, amarrando-as á mangedoura burocrata. Assim, vale a pena servir a ré publica, diziam. E, ensaiadas pelos chefes dissidentes, aprenderam depressa a fazer perrices ao seu antigo chefe com as armas de S. Francisco.

E são estas criaturas, republicanas de estomago, que es-

peram a ocasião própria para, a toda hora da noite, nos assaltar, ao dobrar duma esquina, vingando-se miseravelmente do desassombro com que lutamos em pról do dinheiro do Município, desviado para fazer a propaganda dos dissidentes, mas sob a capa hipócrita e vergonhosa de ser feita uma recepção condigna ao antigo deputado sr. Lúcio...

Nunca fugimos á responsabilidade, e os raríssimos republicanos, que ainda ha de bom senso, dirão quem tem razão: se êles, que nos insultam e procuram baixamente agredir-nos, julgando assim fazer-nos calar, se nós, que sempre firmamos o que escrevemos, querendo para nós a responsabilidade das nossas acções, não por egoismo ou orgulho, embora um ou outro sejam legitimos nesta questão de honra, nem tampouco para servir de *testa de ferro* a quem quer que seja, como alguns dos façanhudos republicanos de meia tigela—que mal sabem qual é a sua mão direita—alegam, por aí, estúpida e grosseiramente.

Não sabemos o que nos espera. Teremos, porém, de precavermo-nos de todo e qualquer ataque que porventura possa ser dirigido contra a nossa humilima pessoa, tam certo estarmos das agressões republicanas sempre terem um criminoso fim: ferirem mortalmente os seus adversários.

Não nos move o ódio pessoal contra qualquer republicano, nem o nosso fundo amor pela Pátria e pelo Integralismo nos aconselha a tal. Tampouco a educação que temos e o caracter que possuímos nos obriga a proceder como aquellas criaturas que, rudemente, nos trazem ameaçado, pois, segundo nos contam, ficou resolvido no Centro Republicano (!?) fazer *justiça* aos nossos actos. E' verdade? Não é verdade?

Ignorâmo-la. Todavia, nós que nunca usamos armas, pistolas ou navalhas, continuaremos, como até aqui, apenas armados da nossa caneta de pataco, a fustigar o regime, e aqueles que, á sua sombra, julgando defendê-lo o comprometem ainda mais que os próprios monárquicos, no dizer de M. Felgueiras.

Outro tanto não acontece com o bando da dissidência

—parece-nos que a dissidência tem tres chefes!—que não sabe impôr-se aos seus apuniguados correligionários, que, para mostrarem *serviços*, fazem constar agressões,—agressões que nos leva a acreditar que sejam praticadas, dada a força *moral* dos seus autores.

Jamais arripiaremos um passo que seja do já longo caminho andado porque não só seria um êrro grave, mas, também, e pior ainda, uma cobardeia moral, que não estamos dispostos a pôr em prática. Temos empenhadas a nossa honra e a dignidade do nosso nome. Orgulhamo-nos de assim proceder. Assim podessem fazer aqueles que não perdem o mau hábito de insultar.

... O que suceder depois se verá.

Nós continuaremos lutando por Deus, contra a Impiedade, pela Pátria, contra as Quadri-lhas que a exploram, pelo Rei, contra a Anarquia das Classes! Trindade Santa a iluminar o Altar do nosso Pensamento elevado até ao Azul imaculado do Céu de Portugal!

DOMINGOS RIBEIRO
 Operário-Integralista.

A MORTE DO SOCIALISMO

II
 (Conclusão)

E' chegado o momento para os chefes da produção verem claro. Aqueles que não crêem que jamais hajam questões económicas e sociais a resolver: aqueles que não crêem na ressurreição dos soberanos orientais, que foram muitas vezes coniventes na anarquia económica do século passado: aqueles que não crêem que se possa voltar á liberdade anarquica onde cada chefe de industria crê ter o direito de agir, segundo o seu habito, sem prestar atenção ao seu semelhante, estão assistindo á realisação da sua esperança.

Para nós não existe outra soberania senão a do Estado nacional. Debaixo dos seus principios, nós somos todos responsaveis uns perante os outros, e, assim, devemos tambem obediencia uns aos outros. E que ninguém se desdênh sobre o senso da vontade operaria. O operario francês não deseja e não quer tornar mais a ser o objecto da benevolencia do seu patrão; êle não deseja ser somente um numero na vida industrial, sem representação na organização económica. O operario é um homem que vive do seu trabalho, que sustenta os seus do produto do trabalho, que se protege contra os accidentes da vida das reservas desse trabalho; e, quando por êle for bem compreendido o seu dever, não mais que-

rerá ser constringido por uma organização social absurda, com parada á desonra do deserdado, do miseravel incapaz de socorrer ás suas necessidades.

O operario francês, livremente associado aos seus semelhantes, quer participar, pelos seus conselhos livremente eleitos, na organização geral da produção, no lugar verdadeiro que lhe compete; isto é: nem por cima de todos, nem por baixo de todos.

E' esta a doutrina tradicional do operariado francês. E' a doutrina maravilhosa que hoje renasce. E' a nossa doutrina. Que os chefes da industria francesa aprendam a conhece-la. Se, assim, o compreenderem, a prosperidade do país está assegurada e, com ela, a paz civil digna e lial. Se os chefes da industria desconhecem ainda essa doutrina, tudo está na intensificação da nossa propaganda até que elas sejam em breve compreendidas. Porque o perigo que a todos nos ameaça, operarios e chefes de produção, não é bem o perigo bolchevista, mas sim o perigo plutocrata.

Neste estado de miseria económica-nacional a que a guerra e a má pez nos conduziu, a plutocracia, que sempre foi e continua sendo internacional, aguarda a ocasião das nossas dissensões, para assim poder mais facilmente viver e medrar, e é, por este motivo, que o maior obstaculo a uma forte organização económica, reside sempre nas potencias argentarias. Estas potencias estão sempre associadas para que a desorganização económica se opere e, tambem, espreitam sempre o melhor momento para lançarem mão das empresas produtoras, armando os operarios contra os patrões ou os patrões contra os operarios.

O fim em vista é a plutocracia reinar sobre uns e outros e operar a desenfreada pilhagem sobre a riqueza e o trabalho.

Ha até, neste país, algumas pessoas que sonham imitar o Boche Hug-Stinnes, plutocrata todo poderoso na suposta democracia alemã, assim como tambem ha mais de um grupo, nas terras de França, que não tem escrúpulos em se associar a qualquer *trust* de alem-mar ou mesmo de alem-Rheno, a fim de constituirem um tiranico poder plutocrata.

Eis, pois, desmascarado o perigo grave que nos ameaça se os chefes da industria francesa não compreenderem as aspirações dos trabalhadores franceses.

Nós, os produtores franceses, estaremos sempre unidos para impedir o triunfo plutocrata; nós congregaremos uma enorme massa de homens pertencendo a todos os organismos produtores, para fazer penetrar a verdade em toda a parte.

Neste primeiro de maio do ano corrente, em que se afirmou o despertar da intelligencia francesa, proclamamos a vontade que temos de trabalhar, por todos os meios, a fim de que a organização económica da França se realice para bem de todos que cumprem uma função util.

Nós iniciaremos o trabalho de organização em todo o país dos

sistemas corporativos-profissionais em que os sindicatos dos chefes de produção, o sindicato dos tecnicos, o sindicato operario, livremente associados nos conselhos do trabalho, organização, de comum acordo, a produção francesa, equilibrarão os direitos respectivos, arrastando uns e outros para o verdadeiro programa económico-social. Agrupados á volta da bandeira operaria ou da bandeira patronal, associados uns e outros debaixo do signo da profissão comum sob as côres da região em que vivemos, sob a alta esperança da nação que a todos nos une, homens do Ferro, do Trigo, da Lã ou do Vinho, nós construiremos uma França em que o trabalho humano será o soberano do dinheiro, em vez de ser seu escravo.

Trabalhemos, camaradas! Fortes na nossa vontade, o triunfo será nosso. Amanhã o primeiro de maio será a nossa festa. Nesse dia festejaremos o nosso renascimento e o nosso triunfo. Nunca mais se celebrará no primeiro de maio a festa de revoluções destrutivas.

Festa do Prince que foi o primeiro a denunciar o perigo da «fortuna anónima e vagabunda» esse dia será como um dom natural, a festa do trabalho e da vida, e, sobre as nossas ruas juncadas de flores, o primeiro de maio verá substituir as bandeiras negras da anarquia e da morte pelos estandartes multicolors das Profissões, vitorizados pelos nossos Operarios.

Georges Valois.

Tradução de M. A. d'Oliveira.

A republica morta de facto

Os regimens que se alidêçam em revoluções, que se conservam por roubos e assassinatos, que tem a manter alcateias de creaturas que vadiam, tem os seus dias contados. A republica em Portugal não tem sabido viver a não ser da rapina e do sangue.

A republica morreu de facto pelo capricho dos seus corripheus e morreu gradualmente, de dia a dia, pelos vis attentados praticados pelos seus servidores.

Um rôr de partidos disputam a gamella, fazendo-a enfraquecer e todos compreendem que morreu o regimen desordêiro. A causa que matou a republica foi todo esse sudario de crimes e escandalos que se tem vindo desenrolando todos os dias, a todas as horas e momentos dando desenvolvimento ao luxo e sendo o germen dos novos ricos.

Feltou-lhe a base essencial— a **unidade**. As ambições, a falta de amor patrio, a incompetencia, a febre do dinheiro, a cubice dos empregos, a falta de intelligencia e de moralidade, a estupidéz, a cupidéz do sangue, o odio aos inimigos, a nenhuma honradez, tudo concorreu para o fim da republica dos escandalos.

Em Portugal, ha uns annos para cá, tem imperado a anarquia e e despotismo. O despotismo não so

cria num só dia, não é elle uma causa, mas sim um effeito.

Não nos devemos queixar dos despotas, mas só de nós outros, porque os consentimos e deixamos tripudiar das nossas crenças e da nossa fé. Ai dos povos que se deixam escravizar!

Roma não se pode queixar do despota Augusto, a França também não deve lançar a responsabilidade sobre Napoleão, a Polónia não pode attribuir as culpas a Nicolau, e Portugal igualmente se não pode queixar do cruel Affonso Costa e do seu fructo híbrido — a republica, mas sim dos que consentem o vergastar e os golpes do azutrague, porque já mais souberam ter em conta a pureza da liberdade.

O despotismo não é a verdadeira palavra das nações, mas sim a primeira dos tyrannos, dos sobas, dos despotas, dos cruéis, dos cínicos e dos sicários.

Apenas os partidos se formam em corrilhos, a virtude é combatida e o crime exaltado.

Em Portugal, reina o egoismo; por isso se anarchisa tudo e a vontade nacional parece que delirou. «O despotismo é a logica fatal dos povos que se perdem».

Todos os elementos estão viciados, estão anarchisados; porisso mataram a republica. Não se queixem os seus serventuários, dos inimigos do regimen, mas só dos vampiros que lhe sugam o sangue. Teem sido elles — os bons republicanos.

Com taes comensaes era fatal o seu desenlace, mas tragico.

Os 25:000 vadios que da republica se alimentam bem mostram que a mataram, comendo-lhe a carne. Mas, se só fosse a republica que morresse, que desaparecesse (o que seria para nós gaudio e ao ar lançaríamos foguetes), se não levasse a Patria consigo, levando-a ao abismo, não nos importavamos, e não escreveríamos uma palavra a tal respeito!

Estando o regimen delapidador, o regimen da negação das competencias, do tino, da honestidade, da intellectualidade, da moralidade, já morto de facto, restamos a nós salvarmos este querido Torrão oito vezes secular e restaurá-lo pela Monarchia Integralista, porque a Constitucional é mãe do lindo estado actual das coisas.

Vemos já no Oriente uma estrella refulgente e de maxima grandeza, que nos annuncia a proxima victoria.

Guerra sem treguas aos assassinos da Patria, aos infieis lusitanos, aos barbaros internos, aos sem patria, aos sanguessugas da mãe-Patria, aos vadios, e, quando soar a hora de redempção que todos corram a tomar o seu lugar. Até lá iremo-nos organisando, instruindo o povo e orando, porque, para termos a victoria, precisamos de resar como fizeram os nossos guerreiros.

Ora et Labora: ora e trabalha e confiemos em Deus e Maria.

P.^o Candido A. Ramos Caldas,

Director de «A Voz da Patria» e Presidente da J. M. L. de Scienciae.

No Bom Combate

Ao nosso prezado colega *A Monarquia* agradecemos a transcrição que fez do nosso editorial *No Bom Combate*, da autoria do nosso prezado camarada sr. M. A. d'Oliveira.

Empregado

Pedimos aos nossos amigos e correligionarios para que se dignem arranjar uma colocação num escriptorio commercial, bancario ou fabril, para um nosso dedicado correligionario, rapaz de 20 anos. Resposta para a Redacção deste jornal a Massunção.

Integralismo Lusitano

Convidando definir a attitude do I. L. e a de todos os nossos amigos em face das proximas eleições de deputados, tornam-se publicas as seguintes instruções:

1.^o — O Integralismo Lusitano não propõe oficialmente candidatos seus ao sufragio dos eleitores;

2.^o — Aqueles dos nossos amigos que disponham de influencia politica para se elegerem, podem fazê-lo, comunicando previamente a sua resolução á respectiva Junta Provincial e á Junta Central.

3.^o — Nos circulos por onde não se proponham amigos nossos, poderão as influencias politicas integralistas apoiar candidatos não politicos (regionalistas, catholicos), mediante o assentimento expresso da Junta Central e da Junta Provincial respectiva.

4.^o — Em todos os outros casos é prescrita a mais rigorosa abstenção eleitoral aos nossos amigos. Lisboa, 8 de Junho de 1921.

A Junta Central.

Intransigências

O Crime!

Foi uma das bases principaes de que se valeu a republica para o seu triumpho. Sim o crime. Foi o constitucionalismo republicano e a sua aliada — a maçonaria que manchou as paginas brilhantes da nossa historia, escorraçando do sólo sagrado desta desditosa Patria um filho que a soube honrar — *El-Rei Dom Miguel II!*

Depois que essa seita a soldo do estrangeiro invadiu o nobre Portugal, estrangulando-o, ferindo-o na sua alma immaculada, onde reinava a paz e alegria, o crime, os escandalos, as injustiças, tem sido a obra do regimen «liberal». Niguem ignora que foi a maçonaria quem mandou assassinar *El-Rei o Senhor Dom Carlos* e o jovem *Principe Dom Luiz Filipe*, que aos olhos da Patria, se guardava como esperanza redentora.

Sim a maçonaria não predomina desde 1910, vem de mais longe, porque foi pela maçonaria-internacional que se introduziu em Portugal as ideias da revolução franceza. Esses homens que abandonaram a honra da Patria, para socorrerem as suas algibeiras, tornando-se rebeldes como satanaz, não fazem mais do que impôr á nação as deleterias doutrinas da *liberdade e egualdade* republicanas.

Sim liberdade de roubar e assassinar e quanto a egualdade a experiencia reside no povo, que já sente os horrores da miseria e da fome.

E ainda há ingenuos que acreditam que com a mudança de homens de estado isto toma novo rumo. Puro engano. O mal está nas doutrinas da republica, sinonimo de anarchia; e por este motivo são inuteis os esforços que se fizeram para melhorar este regimen, de crapulas e vadios.

O mal está também nos retardatarios como bem o diz o illustre membro da Junta Central Sr. Dr. Pequito Rebêlo. E' preciso que nós nos desiludámos e sejamos intransigentemente nacionalistas, catholicos, monarchicos e integralistas, fieis soldados de *El-Rei o Senhor Dom Duarte II*. Quem não comungue neste ideal que é o ideal sagrado da Patria restaurada, que se retire.

Entendimentos com os sem patria não os faremos! Entendimentos com os adeptos da maçonaria, Deus nos livre! Com republicanos ou defensores da carta-maçom são todos os mesmos.

Devido á alianca com os semi-republicanos, soffremos ainda a

opressão deste maldito regimen.

Em dez anos que nos chefou o Senhor Dom Manoel, nós não tinhamos actividade alguma.

Metemo-nos em successivos movimentos cujos chefes eram constitucionaes e soffremos sempre a derrota. E ainda não passou da memoria de todos que se prezam de ser monarchicos, de que, quando da revolução do norte, o Senhor Dom Manoel, depois de fracassado o movimento, ainda nos alcuñhou de traidores, desobedientes, etc.

E assim a Patria se tem vindo afundando num mar de vergonha.

O que é preciso para salvar Portugal é fazermos a Monarquia; portanto mãos á obra! Tratemos de derrubar a republica seja como for, custe o que custar.

Prá frente é o caminho.

Portugueses! Ergamos o pendão sacrosanto de Aljubarrota e Ourique e com os olhos fitos no ceu roguemos a Deus pela salvação de Portugal.

Que Ele seja o guia da Esperança unica do povo portuguez — *S. M. El-Rei Dom Duarte II de Portugal!*

Viva o Integralismo Lusitano!

Guarda, Junho 921.

Mácravo.

N. S. das Neves e S. Crispim

Principiou ontem a festividade que um grupo de devotos que ainda aspiram pelos antigos tempos, resolveu levar a effeito em honra de Nossa Senhora das Neves e S. Crispim.

O arraial de ontem esteve muito concorrido, tocando a afamada banda dos Guises.

Hoje celebrar-se ha a festa religiosa ás 10 horas da manhã, e á noite será reaberto o bazar de prendas, tocando, novamente, até ás 2 horas da madrugada, a banda dos Guises.

Alfredo Pimenta

A tratar da sua candidatura está entre nós o nosso presado conterraneo sr. dr. Alfredo Pimenta.

Em Felgueiras

Grande Romaria de S. Pedro

Nos proximos dias 29 e 29 realiza-se no Monte de Santa Quitéria (Felgueiras) a romaria de S. Pedro, com o concurso da Banda dos Bombeiros Voluntarios, de Felgueiras, e da de Freamunde.

Do programa fazem parte um Concurso Hípico, Kermesse, Procição, Carro Triunfal, etc., estando o fogo de artificio confiado aos melhores pirotecnicos do norte do paiz.

«Restauração»

Recebemos o 1.^o numero deste semanario de Coimbra, que é dirigido pelo sr. dr. Luiz Vieira de Castro, que já por varias vezes se tem evidenciado um jornalista distinto.

Ao novo semanario enviamos as nossas felicitações, com os desejos das maiores prosperidades.

Gualterianas

Como já de todos é sabido, foi *empatada* ainda este ano a realisação das Festas Gualterianas.

Devido á grande falta de espaço só no proximo numero poderemos fazer mais larga e documentada referencia a este respeito.

Até lá, pois!...

Pela Penha!

Foi de 686:300 reis o rendimento liquido do espectáculo promovido pela Empreza Luiz do Souto, concessionaria do *Vimaranas-Cine*, em beneficio das obras da Penha.

Oxalá se vam despertando as boas iniciativas a fim de darem á nossa linda Penha todo o conforto para a tornarem uma das mais belas estancias de *turismo*.

No proximo numero referir-nos hemos ao decantado caso do Hotel.

S. Torçato

E' no próximo domingo, 3 de Julho, que se realisa a antiquissima Romaria Grande de S. Torçato, uma das melhores do paiz.

Já foram afixados os cartazes-programas que revelam um lindo e muito apreciavel trabalho artistico.

Triduo Eucarístico

Decorreu brilhante e com enorme concorrência de fieis, que por completo enchiu o magestoso templo, o *Triduo Eucarístico* celebrado, na semana finda, no templo da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco.

Hos nossos leitores

Recomendamos a inteligente menina Olinda da Conceição Santos, que se acha cursando o 3.^o ano da Escola Normal de Braga. Qualquer donativo deverá ser entregue á sua protectora, sr.^a D. Estefania Maria Antunes, Rua de Alcobaca, ou na Administração deste jornal.

A' sua protectora foram entregues os seguintes donativos:

José Nicolau de Miranda	10\$00
Antonio Nicolau de Miranda	10\$00
Mário J Queiroz	5\$00
Alberto Rodrigues Milhão	2\$50
Vicente Ribeiro Pinheiro	2\$50
Guilhermino de Carvalho	2\$50
Domingos Mendes	1\$00

(continua).

33\$50

Anuncio

VENDE-SE um prédio em bom estado e com boa loja para qualquer negocio.

Rua da República, 99 e 101 (largo da feira do leite) — Guimarães.

Falar das 11 horas em diante.

EDITAL

Abel de Vasconcelos Cardozo, director e professor da Escola Industrial de «Francisco de Holanda» em Guimarães: etc.

Para conhecimento dos interessados faz saber que, os individuos que pretenderem matricular-se **pela primeira vez** nesta Escola Industrial e que não tenham, pelo menos, a habilitação do antigo exame do 2.^o grau de instrução primaria, ou o seu certificado final, devem apresentar, para prévio exame de admissão, o seu requerimento ao Director desta Escola, de 1 a 15 de Julho, instruido com os seguintes documentos:

- a) Certidão de idade, que prove ter o candidato completado dez anos de idade;
- b) Atestado médico de que o requerente não sofre de doença contagiosa e foi vacinado e revacinado nos ultimos sete anos.

Guimarães e Secretaria da Escola Industrial de «Francisco de Holanda», 26 de Junho de 1921.

O Secretário,

Fernando Lopes de Matos Chaves.

BANCO POPULAR PORTUGUEZ

Capital: 3.000.000:00

Agencias em todas as localidades do Paiz

Agente em Guimarães: José Joaquim Vieira de Castro

(Antiga Casa Sequeira — Rua de S. Damaso)

Desconta letras sobre todas as agencias. Aceita dinheiro a prazo e á ordem. Compra libras, cheques, coupons, etc.

Quem pretender colocar bem SEGURO o seu dinheiro pode dirigir-se a esta casa, pois tem sempre papel para render bom juro.

“GIL VICENTE”

CONDIÇÕES DE ASSINATURA (PACAMENTO ADIANTADO)	PUBLICAÇÕES
Ano \$350	Anuncios e comunicados:
Semestre 1\$75	1. ^a publicação — cada linha . . . \$20
Trimestre 1\$00	Repetição \$10
Numero aulso \$10	Permanentes — contrato especial. . . \$02
	Imposto do selo \$02

Ex.^{mo} Sr.